



Recebido em 21/01/2022

Aceito em 21/06/2022

DOI: 10.26512/emtempos.v1i41.41629

## RESENHA

### O Mundo (re)apresentado: a fotografia como janela para realidade e a ficção

The (re)presented world: photography as a window to reality and fiction

*José Ailton da Silva*

Universidade Estadual Paulista/Assis

KOSSOY, Boris. O Encanto de Narciso: Reflexões sobre a fotografia. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

Em entrevista ao Itaú Cultural (IC) em maio de 2020, o fotógrafo e historiador da fotografia Boris Kossoy aponta que sua mais recente publicação, *O Encanto de Narciso* (2020), pode ser entendida como parte da sua já consagrada trilogia teórica composta por: *Fotografia & História* (1988), *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica* (1999) e *Os Tempos da Fotografia: O Efêmero e o Perpétuo* (2007), todos publicados pela Ateliê Editorial e com várias edições tanto no Brasil quanto no exterior.

Em *O Encanto de Narciso*, temos um Kossoy amadurecido e assim, essa “farta colheita na seara da compreensão pode dar frutos tão sintéticos como os capítulos deste livro” (MEDINA, 2020, p. 9). E é justamente sobre a natureza desses frutos que esta publicação torna-se tão singular, na medida que pode ser entendido como uma composição de verbetes, mas a obra funciona também como um índice para a própria produção do autor ao não trazer apenas conceitos chave dos seus estudos de fotografia, mas também trazer as suas formulações ao longo de toda a sua carreira, que inevitavelmente, confunde-se com os próprios estudos de fotografia no Brasil.

O livro que pode ser um excelente primeiro contato com os escritos de Kossoy e que oferece ao leitor uma experiência de leitura não necessariamente ordenada do começo ao fim, conta com 240 páginas, onde apresenta 97 breves ensaios divididos em seis partes que anunciam de maneira abrangente sobre vários aspectos da reflexão acerca do espaço fotográfico, sendo eles, respectivamente: o sistema e a essência, produção e recepção, desmontagem do constructo, fotografia e memória, história da fotografia e outras dimensões da fotografia.

O título do livro é provocador em si, ao aludir sobre o mito grego de Narciso, semideus que muito vaidoso e arrogante foi castigado pela deusa Nêmesis a apaixonar-

se por seu próprio reflexo, e talvez seja esse mergulho em si, que o autor esteja na verdade também oferecendo ao leitor, e que podemos aferir quando na introdução afirma:

Sigo aqui com uma antiga sedução que é a de tentar compreender o mundo, a memória e a história através das imagens. E, também, a outra face dessa sedução: a de tentar compreender o mundo das imagens em si mesmo, em seus códigos, mistérios e ficções. E naturalmente, em sua história (KOSSOY, 2020, p. 13).

Assim, mas que um mergulho em si, como no caso de Narciso; temos também um mergulho por si, o que permite mais que um visita cautelosa do seu próprio trabalho, mas a possibilidade de pensar o conjunto de uma maneira total e a partir de então considerar aquilo que resulta de um processo de sublimação e então por fim, oferecer uma síntese preciosa aos leitores. O livro comunica de uma maneira não necessariamente acadêmica e técnica, mas claro, sem perder o rigor, já que o livro pode ser facilmente compreendido pelo público não especializado.

Na primeira parte da obra, *O Sistema e a Essência*, temos um conjunto de verbetes que propõe pensar exatamente o que é a fotografia (sistema) e como opera-se na sua constituição (essência) seja de sentido, de narrativa e de composição propriamente dito. A primeira coisa que quer o autor é nos evidenciar que quando fala-se de fotografia há antes de tudo uma dicotomia incontornável: o visível, ou seja, aquilo que é aparente e o invisível, aquilo que está oculto. Kossoy acredita que é justamente nessa oposição que habita “a graça e o mistério das imagens fotográficas” (KOSSOY, p. 46, 2020). Independentemente das motivações, é por ação dessa dicotomia que temos a forma da maioria dos estudos e interpretações das imagens fotográficas.

O espaço da fotografia é um universo paralelo ao nosso, mas que possui seus próprios regimes: seja de visualidade, temporalidade e de representação. Primeiro, porque o registro fotográfico condiciona aquele que enxerga a imagem a uma interpretação plural, na medida que essa “leitura” da imagem molda-se a partir de “reportórios culturais, classe social, visão de mundo de cada um: múltiplas máscaras para um único rosto” (KOSSOY, p. 40, 2020). Mas que antes de ser imagem constituída, essa fotografia, foi pensada e “moldada” por um fotógrafo (amador ou profissional) também de forma plural e mais, afim de marcar uma finalidade (extraquadro).

Essa dimensão paralela conta com uma visualidade que não é mesma que a nossa, já que “o objeto, um vez representado na imagem, se refere a um novo real: dramatizado, deformado, valorizado esteticamente, idealizado, ideologizado” (KOSSOY, p. 41, 2020). E a essa condição, Kossoy, chama de segunda realidade. Antes considerar, que aquilo que habita o mundo das imagens fotográficas é um referente, ou seja, algo (imagem de uma pessoa, de um objeto, animal, etc.) reproduzido como imagem. Talvez o que podemos também achar fascinante, é que inevitavelmente, a segunda realidade sobrevive ao tempo e oferece a fotografia a condição de documento. Ainda sobre esse mundo das imagens, Kossoy fala sobre o tempo na segunda realidade, que antes de tudo, trata-se de uma temporalidade dupla que coexiste: o tempo da criação (efêmero) e o tempo da representação (perpétuo) e sobre esse último, temos um período “estagnado, que paralisa o objeto, antecipa a morte [...] dimensão do ilusório e do simbólico, do vazio e do perpétuo, e de memória” (KOSSOY, p. 53-54, 2020).

As imagens fotográficas nos seus usos e aplicações nem sempre coincidem com a finalidade que a imagem foi produzida e assim, há vários casos de manipulação ao longo da história, onde desvirtuadas e descontextualizadas, as imagens serviram a outros propósitos. Kossoy é atual ao mencionar diretamente as *fake news* e como elas são utilizadas abundantemente na construção de discursos errôneos.

No segundo capítulo, Produção e Recepção, há um esforço em evidenciar a dimensão ficcional da fotografia e como esse elemento é constituinte tanto na produção, quanto na recepção das imagens. Além disso, a obra destaca em vários capítulos, a fotografia na sua dimensão documental e como nos dois casos “não há fronteiras definidas [...] mesclam-se na mesma trama e numa só mensagem” (KOSSOY, 2020, p. 97). Na construção da segunda realidade as legendas e títulos atribuídas as fotos são um elemento importante posto que influenciam a interpretação do receptor, atuando no imaginário.

Nessa eminência narrativa, as fotografias são constantemente acessadas a servir e segundo Kossoy (2020, p. 105), a imprensa, transformada com surgimento da fotografia, é um exemplo para pensar essas operações, porque é especialista em acessar as imagens nas suas práticas discursivas e nesse momento, o autor alerta novamente, para o comprometimento das imagens com uma agenda ideológica. É bem verdade que essa prática articula-se com o fato, da imagem, ou seja, um fragmento do tempo, ser entendido como expressão de uma totalidade e não como de fato é, parte de um todo.

Esses arranjos narrativas em que as imagens são colocadas implicam a criação de “novas realidades: ficções imagéticas, que nada mais têm a ver com o objeto, o referente no seu contexto original, mas que podem afetar a vida pessoal, social ou política” (KOSSOY, p. 62, 2020). É justamente sobre essa criação de realidades que Kossoy adverte, de modo que as imagens não sirvam como ferramenta para as notícias falsas ou para os discursos ideológicos, mas como uma janela para a imaginação.

Embora até aqui esteja-se tratando de um delegar sentido as imagens, a noção de Etienne Samain, de que a imagem é uma “forma que pensa” cabe muito bem aos considerações que Boris está também chamando a atenção. Nessa ideia, que inicialmente pode ser tratada como improvável e utópica, a imagem “teria “vida própria” e um verdadeiro “poder de ideação” (isto é, um potencial intrínseco de suscitar pensamentos e “ideias”) ao se associar a outras imagens” (SAMAIN, p. 23, 2012). Nessa continuidade de vida e de sentidos, além da criação, a fotografia viveria uma segunda vida, como pensou Kossoy o fenômeno.

Nos capítulos III, IV, e V temos um conjunto de artigos que pensam mais externamente a questão da fotografia, como a sua relação com o conhecimento (ciências humanas e sociais e a pesquisa histórica) e algumas formas de apreensão, como o fotojornalismo. Há também verbetes na direção de pensar a relação entre fotografia e memória e a própria história da fotografia.

Por sua vocação fragmentária, a fotografia pode dizer apenas sob determinado momento congelado no tempo, isso sob as condições variáveis que já nos foi apontada, e é justamente sobre essa característica, que Kossoy reconhece uma proximidade entre a fotografia e a micro-história, tratando inclusive, de “micro-histórias fotográficas”. A mão

estendidas pelo pesquisador ao conceito cunhado por Carlos Ginzburg se justifica dado que “o que vemos no fragmento fotográfico é apenas a fagulha de uma história oculta a ser desvendada” (KOSSOY, p. 133, 2020). Portanto, o convite é para que essa singular característica da fotografia seja usada e potencializada, na medida que haja uma investigação que parta de um pedaço (foto) e que a partir daí, siga-se um itinerário de mapeamento e investigação associando-se a outras imagens e as palavras, porque assim como no caso do moleiro Menocchio, a partir de uma imagem fotográfica pode-se ver além da fechadura da história.

Imagem e palavra criam outra dimensão importante e além disso, estabelecem outro paradigma comunicativo. Essa “fusão” não ocorre nas páginas, mas na mente do leitor e potencializam um desempenho que não poderia ser vislumbrado se essas estivessem separadas, mas há sempre o perigo da contaminação recaindo em caminhos já alertados pelo autor (KOSSOY, p. 144, 2020).

Nessa produção de sentidos das imagens há fundamentalmente o trabalho de curadoria, ou seja, a seleção e edição das fotos que vão compor um projeto, seja ele um livro ou mesmo uma exposição fotográfica. Esse trabalho é alcançado graças a seleção das imagens dentro de um roteiro e que esse, atende a determinadas intenções. Essa edição pode acatar aos mais variados critérios: temático, plástico, cronológico, geográfico, heterário ou mesmo uma assimilação de dois ou mais critérios.

No último capítulo, outras dimensões da fotografia, temos um conjunto de artigos mais abrangentes quanto a temática e ainda considerando a dimensão curatorial, temos um elemento importante, o álbum de fotografias. Trata-se de um livro de imagens com características muito singulares enquanto gênero que não precisa recorrer a escrita, porque os códigos visuais estão estabelecidos por si e por aqueles que o acessam, havendo uma limitação da circulação da imagem ao ambiente familiar. Mas que em um plano mais amplo, a fotografia destina-se como “instrumento de preservação visual da memória cultural e material” (KOSSOY, p. 157, 2020) do homem.

Em seu último verbete, Kossoy retorna ao mito de Narciso e nos convida a pensar a imagem como objeto de autoadoração e é bem verdade que no contexto contemporâneo essa é uma das formas mais comuns de apreensão de sentidos para as imagens. As redes sociais e as populares *selfies* são alguns dos ingredientes dessa dinâmica, mas como alerta o autor, essas imagens tem um vida muito curta ao passo que outras milhares de fotos são produzidas e se sucedem tão rápido são criadas – nos confrontando com um paradigma de armazenamento.

A história de um jovem envaidecido pela própria imagem, consagrada na forma de mito, tornou-se uma realidade coletiva nos tempos modernos, cada qual hipnotizado por suas imagens na palma da mão, através de um aparelho celular. Se a experiência do semideus Narciso proporcionou uma das primeiras reflexões sobre as imagens, os nossos tempos exigem um novo olhar para elas, que estão nos cercando e nos dominando no coração e na mente.

### **Referências:**

KOSSOY, Boris. *O Encanto de Narciso: Reflexões sobre a fotografia*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

MEDINA, Cremilda. No lastro de décadas. In: KOSSOY, Boris. *O Encanto de Narciso: Reflexões sobre a fotografia*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.p. 9-15

SAMAIN, Etienne. “As imagens não são bolas de sinuca”. In: *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora Unicamp, 2012

VIANA, Cassiano. O Encanto de Narciso e o fascínio pelas imagens. *Itaú Cultural*, 2020. Disponível em <<https://www.itaucultural.org.br/encanto-narciso-fascinio-pelas-imagens>>. Acesso em 16 dez. 2021